



# EXTRA PAUTA

Jornal do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná - Nº 64 - Outubro - 2003 - ISSN 1517-0217

[sindijor@sindijorpr.org.br](mailto:sindijor@sindijorpr.org.br)

<http://www.sindijorpr.org.br>

Impresso  
Especial

3600137940-DR/PR

SIND. DOS  
JORNALISTAS

... CORREIOS ...

Daniel Castellano



## Data-base

Jornalistas recusam a proposta indecente feita pelos patrões para a convenção coletiva 2003-2004.

Páginas 9 e 10

## História

No ano em que a profissão foi ameaçada, lembramos os 65 anos da primeira regulamentação da atividade de jornalista.

Página 13

## Entrevista

Juvêncio Mazzarollo, último preso político da ditadura militar, denuncia os custos da usina de Itaipu.

Página 15



# Jornalista esportivo: entre o profissional e o torcedor

**A** imparcialidade e a isenção – atributos tão caros ao Jornalismo liberal – são muitas vezes esquecidos quando o ardor e a emoção envolvem o profissional com a notícia. É o caso dos jornalistas esportivos que não conseguem separar a paixão por um time que geralmente vem de infância e o tratamento indiferenciado que devem dar nas coberturas. Embora muitos tentem se equilibrar no fio da navalha, outros não escondem a preferência

futebolística – e não vêem nisto um empecilho ao trabalho jornalístico. A relação estreita com as fontes – que controlam o acesso do jornalista à informação – é outro problema que quem trabalha com a imprensa esportiva tem de se defrontar. A situação muitas vezes é cômoda, quando o jornalista-torcedor, ao deixar transparecer sua preferência, cria empatia com uma parcela do público.

Páginas 3 e 4.

# Jornalistas, firmes na negociação!

Companheiros jornalistas, entramos na campanha salarial 2003-2004 para sairmos com um bom resultado e vamos prosseguir firmes neste propósito até o fim. A nossa luta é para mantermos nossas conquistas e não ceder naquilo que foi historicamente batalhado.

Não podemos, portanto, esmorecer e entrar na tática dos patrões, que tentaram mais uma vez nos desmobilizar com a jogada nada nobre do atraso nas negociações. Precisamos nos manter firmes e unidos a fim de conseguir a reposição da inflação (que deve chegar a 17,26%) e negociar as outras cláusulas em boas bases.

Nosso piso salarial – R\$ 1.299,23 – é hoje o terceiro maior do Brasil. Ele é fruto de árduas conquistas feitas ao longo dos anos. Congelá-lo, como pretendiam os patrões, seria mais que um retrocesso, seria desprezar todo um passado de lutas que teve um de seus pontos altos na greve de 1963, que parou as redações de Curitiba.

A proposta de reajuste de apenas 10% e só para quem ganha até R\$ 1.500,00 revoltou os jornalistas. Além de imporem uma perda inflacionária (que dificilmente seria recuperada no futuro) e o fim do adicional de horas-extras, os patrões chegaram com a proposta de ainda cortar o anuênio, que, apesar de precária, é a

única forma de escalonamento salarial que existe no Paraná, Estado onde freqüentemente o piso de jornalista equivale ao teto.

Não podemos nos esquecer também do pagamento dos direitos autorais, item dos mais contrariados pelas empresas na atual convenção coletiva e que vai ser cobrado pelo Sindijor na nova negociação. Hoje, fotos e matérias são comercializadas pelos veículos sem que os autores tenham nenhum ressarcimento por isto. O Sindijor vai bater firme neste ponto, que é uma questão elementar do trabalho intelectual.

Nós já apontamos que as alegações dos patrões para não pagar a reposição

da inflação são infundadas: afinal, eles estão saindo do período negro nas finanças, estão realizando novos empreendimentos e tem perspectivas bastante favoráveis a curto e médio prazos. Juntos com outros sindicatos filiados à CUT, na campanha salarial unificada, teremos mais respaldo para nossas reivindicações.

Desta forma, colegas, precisamos nos manter atentos e permanentemente mobilizados para reagir a todas as investidas contra a categoria e buscar sempre a negociação mais vantajosa. Afinal, temos que não só procurar o benefício imediato, mas também fazer jus às lutas travadas ao longo da história.

## Expediente

Extra Pauta é órgão de divulgação oficial do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. Endereço: Rua José Loureiro, 211, Curitiba/Paraná. CEP 80010-140. Fone/Fax (041) 224-9296. E-mail: [sindijor@sindijorpr.org.br](mailto:sindijor@sindijorpr.org.br)

### Jornalista Responsável

Ricardo Medeiros  
Reg. prof. 24866/106/81

### Redação

Adir Nasser Junior  
[extrapauta@sindijorpr.org.br](mailto:extrapauta@sindijorpr.org.br)

### Colaboraram nesta edição

Maigue Gueths,  
Claudia Conceição Oliveira

### Fotografias

Daniel Castellano, Emerson Christian, Maigue Gueths, Pedro Serápio, Valterci Santos

### Ilustrações

Simon Taylor

### Edição Gráfica

Leandro Taques

### Tiragem

3.000 exemplares

As matérias deste jornal podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte. Não são de responsabilidade deste jornal os artigos de opinião e as opiniões emitidas em entrevistas, por não representarem, necessariamente, a opinião de sua diretoria.

## rádio corredor rádio corredor rádio corredor

**A jornalista Yasmin Calil Fontes saiu da redação da TV Tarobá, em Cascavel. Ela havia trabalhado na emissora por 15 anos e entrou em desacordo com a atual diretoria da TV. Yasmin é vice-presidente da Associação dos Jornalistas de Cascavel.**

Edílson Romanini deixou a TV Iguaçu, onde ocupava o posto de chefe do Jornalismo. Em seu lugar assume Ivete Azzolini.

**Os jornalistas Creso e Christiani Moraes comemoram este mês os 25 anos da Enfoque, a primeira assessoria de comunicação e eventos no Paraná. Com orgulho, eles a apresentam como detentora do difícil reconhecimento do próprio meio profissional. Do Sindicato dos Jornalistas, a Enfoque recebeu a Placa do Cinquentenário, “pela defesa da liberdade de informação, da dignidade profissional e da democratização dos meios de comunicação”. Antes, dos profissionais de Relações Públicas de São Paulo e Paraná, havia merecido o Prêmio Opinião Pública, também o primeiro atribuído a uma assessoria paranaense. Hoje, a Enfoque inova acrescentando webmarketing, por exemplo, a programas de responsabilidade social como o Rodando Limpo, finalista do Prêmio Valor Social de Respeito ao Meio Ambiente. Sua clientela inclui ABCP, Andef, BS Colway, Instituto Bom Aluno, Sofhar, Tok&Stok e Votorantim Cimentos, com atuação regional e nacional. Creso e Christiani começaram na Folha de Londrina, em**

**1969, e, depois de viver nos Estados Unidos, fixaram-se em Curitiba, ele tendo trabalhado na Assessoria do Palácio Iguaçu, na revista Panorama, no Diário do Paraná e no Iparde; e ela, na Assessoria do Incra, no Correio de Notícias e como correspondente da revista Construção, até que criaram a Enfoque, em 1978.**

Ricardo Belinski deixou em setembro suas funções no Lumen Centro de Comunicação por motivos pessoais. O Núcleo de Jornalismo Científico Lumen, que era dirigido por Ricardo Belinski, edita o Jornal Voz do Paraná, e produz programas para a TV Lumen 16 UHF/ Canal Futura. Belinski está saindo do Instituto dos Irmãos Maristas, que administra a PUC-PR. A Sociedade Paranaense de Cultura também está para nomear o novo responsável pela área de programação do Lumen, que também envolve o jornal Voz do Paraná. O jornalista está agora na assessoria de comunicação da Universidade Livre do Meio Ambiente (Unilivre) trabalhando ainda com divulgação científica e ambiental, além de comunicação organizacional.

**Também deixou o Lumen Centro de Comunicação a jornalista Niele Mello. Ela estava da licença-maternidade e resolveu pedir demissão e ir morar em Londrina.**

Piperácea é a empresa aberta pela jornalista Valéria Prochmann, especializada em comunicação pela internet (jornais virtuais, criação e

desenvolvimento de sites-mídia e atualização de notícias), editoração impressa e eletrônica, divulgação de eventos, redação e produção de textos.

**A Direção de Jornalismo da RTVE está agora a cargo de Dary Júnior, em substituição a Fernanda Rocha, que passa para a direção de talk shows. O novo chefe de redação da Rádio e da TV é Luís Lomba; a chefia de reportagem foi assumida por Dimitri do Valle; enquanto o editor geral da TV passa a ser José Roberto Martins. Na chefia de Jornalismo da Rádio Educativa, está agora Luciana Pombo. Dary entrou com a condição de que nenhum integrante da equipe criada por Fernanda Rocha fosse demitido. Houve, porém, um afastamento — o da jornalista Renata Bonacin, mas ela havia sido contratada ainda durante a gestão anterior.**

O repórter-fotográfico Denis Ferreira Netto foi demitido da Editora O Estado do Paraná, onde trabalhava há sete anos. Ele não poderia ter sido dispensado, pois tinha estabilidade no emprego por um ano. Denis fez parte do Conselho de Ética da gestão anterior do Sindijor como suplente. O jornalista disse que já estava sendo visado pela diretoria do grupo há algum tempo pelas críticas que dirigia à má condução dos jornais Tribuna e O Estado do Paraná. Ele era contra as mudanças gráficas na Tribuna e as contratações via indicação.

# Imprensa no Paraná

## Grupos de discussão no Sindijor

Jornalista, participe dos grupos virtuais de discussão do Sindijor. Foram criados e-mails para o debate de temas de interesse por área. Para se cadastrar, basta enviar um e-mail para [sindijor@sindijorpr.org.br](mailto:sindijor@sindijorpr.org.br), ou ligar para o número (41) 224-9296 solicitando a inclusão.

# JORNALISTAS ESPORTIVOS são imparciais?

O Jornalismo deve se pautar pela isenção e não envolvimento do profissional com a notícia – como qualquer um sabe. Mas como é possível deixar as paixões de lado quando se está em meio ao clima emocional do qual não se consegue distanciar. Esta é a situação vivida pelos jornalistas esportivos que, no País do Futebol, têm a isenção freqüentemente questionada.

Questionada quando ela tenta se sustentar, pois muitas das vezes a preferência por um certo time é ostensiva e clara. E o que se observa escancaradamente na mídia nacional – como na torcida franca, aberta e entusiástica do jornalista Juca Kfoury pelo seu Corinthians querido – se repete igualmente sem freios ou pudores na mídia local. Existe algum mérito em se extrapolar o limite da preferência pessoal por um time – que, ao término e ao cabo, não passa de uma idiosincrasia e uma arbitrariedade – e achar que um clube é a medida do desempenho esportivo?

Pelos postulados mais caros ao Jornalismo liberal, é duplamente incorreto. Primeiro porque é tendencioso, e segundo por que a distorção é baseada não numa visão de mundo ou numa corrente de pensamento, mas numa preferência arbitrária e alterável. Já que não se admite que o jornalista político, no desempenho de suas funções, empunhe a bandeira do partido de sua preferência, o que autoriza o jornalista esportivo a vestir a camisa de seu clube?

No país onde o esporte (leia-se futebol) tem um peso tão grande no imaginário popular, a questão faz bastante sentido. Mariita Bertassoni da Silva, psicóloga e professora da PUC-PR e UnicenP, afirma que, mesmo sendo impossível imparcialidade no Jornalismo esportivo, cabe ao profissional buscar um distanciamento, “para entender a problemática sem se envolver e fazer uma análise objetiva, a despeito das preferências pessoais”. É o que ela chama de “controle consciente, para não interferir na opinião dos outros”, o que nem sempre é algo fácil. O perfil da



pessoa que ingressa no Jornalismo esportivo costuma ser mais aberto e entusiástico, o que o público externo tende a associar com parcialidade.

Osíres Nadal, ex-presidente da Associação dos Cronistas Esportivos do Paraná (Acep), assevera que o futebol é uma paixão da qual o jornalista não se deixa alienar. Na opção pelo Jornalismo esportivo está o gosto pelo esporte, diz Nadal. Ele, que nutre desde criança paixão pelo Botafogo e pelo Operário de Ponta Grossa, afirma que, ao atuar profissionalmente, não tem time. É o que também sustenta Luiz Augusto Xavier, da Rádio CBN e de O Estado do Paraná. “À medida que o jornalista se profissionaliza, ele faz da paixão seu meio de vida, ou seja, ele acaba entrando no esporte porque tem um time do coração, mas com o tempo ele deixa esta preferência de lado”, disse. Segundo ele, de nada adianta assumir a torcida por

um time. “O que eu quero é que todos os times daqui ganhem”, afirmou Xavier.

### Sou, mas quem não é?

Augusto Mafuz, colunista da Tribuna do Paraná, tinge seus textos com as cores do Atlético Paranaense e não vê nisto problema algum. “Parcial não é o jornalista que se identifica com este ou com aquele clube, mas quem falta com a verdade”, afirmou Mafuz, acrescentando que duvida que exista um jornalista que não torça por algum time de futebol. “Nada leva o jornalista a optar pela cobertura esportiva, exceto a torcida por certo time. O ‘isento’ não sobrevive no Jornalismo esportivo”, sustentou.

José Hidalgo Neto, o Capitão Hidalgo, ex-jogador do Coritiba e hoje na equipe da Rádio Globo, diz que a atenção não pode depender da sua preferência pessoal, mas por um outro critério

questionável: do desempenho dos times. “O enfoque é a audiência”, disse Hidalgo, explicando que o clube que está na frente na disputa pelo campeonato ganha preferência no noticiário e nas transmissões.

Carlos Simon, repórter do Jornal do Estado, disse que entre a atividade do colunista esportivo e do setorista há um grande hiato. “No dia-a-dia, a obrigação é a isenção. Se falar bem ou falar mal, o repórter sabe que vai criar um certo tumulto, o que o estigmatiza e prejudica sua própria imagem no mercado”, afirmou.

### Outro lado

Do outro lado, o público esporádico do jornalismo esportivo não consegue perceber as sutilezas do jornalista-torcedor ou vê parcialidade no jornalista isento, enquanto que o público contumaz sabe identificar as preferências de cada jornalista. Xavier recorda-se da transmissão que fez do jogo Atlético Paranaense e Bolívar, pela Copa Libertadores da América, em que o time paranaense venceu o primeiro tempo por 5 x 1, mas deixou que o clube boliviano empatasse no segundo tempo. Ao final do jogo, Xavier recebeu dois e-mails: um de um torcedor do Coritiba, que tripudiava sobre o resultado e dizia que Xavier, a quem chamava de atleticano, tinha comemorado o resultado do primeiro tempo durante o intervalo. Outro e-mail, de um torcedor atleticano, chamava Xavier de “coxa-branca” e dizia que o jornalista tinha ficado feliz com o resultado.

Hidalgo observa que o público curitibano tem como peculiaridade querer saber quem é o jornalista que cobre o seu time e qual é a ênfase dos veículos. Quem percebeu isto foi a equipe de esportes da Rádio CBN, que ficou proibida pela torcida coxa-branca em 1998 de transmitir jogos do Coritiba. “A torcida achava a CBN parcial e que os comentários eram favoráveis ao Atlético”, lembra-se Alexandre Zraik, ex-integrante da equipe da rádio.

# Imprensa no Paraná

O site Bacana, tocado pelo jornalista Abonico Ricardo Smith, voltou ao ar. O domínio mudou, pois ficou inviável profissionalmente manter a parceria que tinha com a Fundação Cultural de Curitiba. Agora as pessoas podem acessá-lo pelo [www.bacana.mus.br](http://www.bacana.mus.br).

Bacana está de volta

## Fazendo o mesmo jogo

O problema da parcialidade no Jornalismo esportivo não se resume àquilo que o repórter deixa nas entrelinhas de sua matéria, mas muitas vezes no que ele esconde. A cobertura com setoristas nos clubes traz grandes inconvenientes, como o uso das mesmas fontes, a aproximação muito estreita entre jornalistas e jogadores e dirigentes e, também, a necessidade de ocultar informações estratégicas para o clube sob pena de perder outras tantas.

O jornalista Alexandre Zraik, da Rádio Transamérica e da TV Iguazu, comenta que o relacionamento estreito entre fontes e jornalistas acaba por tolher a liberdade de informar. “Ao ficar íntimo dos jogadores e dirigentes, ele passa a não mais denunciar certas coisas, ele segura informação”, afirmou.

Esta situação, segundo ele, é particularmente grave com os jovens profissionais, que se deslumbram diante do contato tão próximo com os ídolos. Osires Nadal lembra ainda que o longo período como setorista em um clube pode fazer com que o repórter aceite passivamente o fluxo de informações que vem do clube e não busque se aprofundar. “Ele vira amigo dos jogadores”, disse. Ele também acaba atendendo aos desejos dos cartolas, normalmente pessoas vaidosas e que não gostam de receber cobranças.

Luiz Augusto Xavier sugere que o jornalista, para se posicionar profissionalmente, deva evitar almoços com membros do clube; ele deve também, durante as viagens, se hospedar em hotéis diferentes do que o time que cobre está. “É por uma questão puramente emocional, o jornalista precisa ter um bom relacionamento, mas com limites”, afirmou Xavier.

Além deste envolvimento emocional, outro aspecto entra em questão: o apoio financeiro que os clubes davam aos setoristas. Embora seja unânime que esta prática tenha sido superada, ainda se fala sobre as “ajudas de custo” que os clubes forneciam aos jornalistas. Parece que é um caso de compra de consciências, no entanto nos tempos em que a cobertura esportiva não contava com as facilidades atuais e o jornalista tinha de despender recursos próprios para fazer a cobertura, a ajuda fornecida pelo clube fazia toda a diferença.

Outro ponto ético de extrema relevância diz respeito aos interesses das emissoras de rádio e TV e os patrocinadores dos eventos esportivos. Qual é a autonomia do jornalista de uma emissora envolvida na transmissão para criticar um evento esportivo no qual ele possa estar vendo distorções? Fechado nesta carência de

autonomia, o jornalista esportivo nestas circunstâncias acaba por deixar adormecendo o senso crítico.

Enquanto isto, para os dirigentes de clubes a figura do jornalista-torcedor não parece incomodar. “É interessante para nós termos o repórter-torcedor ao nosso lado, para não ‘levamos pau’”, disse Ricardo Machado Lima, superintendente do Paraná Clube.

Parece não haver muitas saídas que não passem pelo rodízio de setoristas. O que se questiona é o prazo para cada mudança. Alguns meses não seriam suficientes para que o jornalista cultivasse as fontes, enquanto que manter por anos o setorista no mesmo clube equivaleria a fomentar o vício nas fontes. O prazo que parece ser recomendável é de um ano, tempo em que o setorista pode acompanhar toda a trajetória do time na temporada. Capitão Hidalgo aposta na formação de novos jornalistas esportivos, nas próprias redações, calcados na experiência dos mais velhos para se aprimorar o padrão das coberturas.



### O preço da isenção

O jornalista Alexandre Zraik disse que sofreu perseguição por manter-se isento numa questão esportiva. Trabalhando para a Rádio CBN, controlada pelo cartola atleticano Mario Celso Petraglia, Zraik foi chamado pelo diretor da emissora, Eudes Moraes, em meados de 2001 para se posicionar diante de uma disputa interna do Atlético Paranaense em que Petraglia estava envolvido. Embora atleticano, Zraik se recusou e teve de sair da rádio.

Moraes nega que tenha havido tal constrangimento e afirma que a saída do jornalista está ligada a mudanças

implementadas pelo Sistema Globo de Rádio, do qual a CBN faz parte, e com as quais Zraik não concordou.

Hoje, Zraik coordena a equipe de esportes da Transamérica, que é líder de audiência em Curitiba, e apresenta o programa Tribuna na TV, na TV Iguazu, no qual torcedores dos três grandes times da capital discutem sobre o desempenho das equipes. “Levamos para a TV a discussão do boteco, e nem por isso tiramos empregos de jornalistas, pois há toda uma equipe de Jornalismo na produção”, afirmou.

# Imprensa Nacional

## Gazeta promete acordo sobre gratificação

A Editora Gazeta do Povo se comprometeu a apresentar ao Sindijor uma proposta de acordo até o dia 13 de outubro para enfim começar a pagar a gratificação de aniversário, suspensa há dois anos. A promessa veio depois de audiência no TRT em uma ação movida pelo sindicato.

Maigue Gueths  
Cláudia Conceição Oliveira

Estudos realizados na Inglaterra apontam que entre os anos 2070 e 2100 a água da Amazônia terá acabado, caso o atual modelo meteorológico seja mantido. Pior: se não forem adotadas providências para reduzir a concentração de carbono na atmosfera e diminuir o consumo de água, a partir de 2020 o processo de degradação da Amazônia não terá mais retorno. Mesmo que o mundo inteiro pare de consumir petróleo.

Embora ainda não confirmadas por outros pesquisadores da área, as afirmações dos estudiosos ingleses servem para mostrar a importância da Amazônia não apenas para o Brasil, mas para o equilíbrio ambiental de todo o mundo.

Durante três dias, entre 4 e 6 de setembro, 183 jornalistas de diversos Estados e de países que integram a região amazônica (Bolívia, Peru, Venezuela, Suriname e Guianas) tiveram a oportunidade de ouvir algumas das maiores autoridades em meio ambiente, em especial da Amazônia, que participaram do I Encontro Internacional de Jornalismo Ambiental da Amazônia.

Organizado pelo Sindicato dos Jornalistas do Acre, Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e WWF - Brasil, o evento teve como objetivo não apenas inserir os temas ambientais da Amazônia na mídia regional e nacional, mas principalmente capacitar os profissionais da imprensa para cobertura de pautas com enfoque na conservação ambiental e no desenvolvimento sustentável.

Só a abertura do evento, na cidade do líder sindical Chico Mendes, Xapuri (120 km de Rio Branco), foi uma verdadeira lição prática sobre manejo florestal e desenvolvimento sustentável. Houve, ainda, outros sete painéis, que enfocaram temas como leis ambientais, recursos hídricos, segurança da Amazônia, entre outros temas.

A avaliação do encontro foi tão positiva que ficou acertada uma segunda jornada, em 2005, em Belém. “Outra decisão importante foi a criação da Associação Internacional de Jornalistas da Amazônia”, avaliou Raimundo Afonso Gomes, presidente do Sindicato dos Jornalistas do Acre. A presidente da Fenaj, Beth Costa,

**Jornalistas do Brasil e de países amazônicos no auditório improvisado para a abertura da jornada, em plena floresta, na cidade de Xapuri, terra de Chico Mendes**

Maigue Gueths



## Encontro no Acre capacita JORNALISTAS sobre meio ambiente e Amazônia

ressaltou que a idéia não era encerrar nenhum assunto, mas abrir para os jornalistas toda a gama de debates relativos à Amazônia. “O resto depende de cada um, de estudar e se sensibilizar para a importância de cobrir o assunto meio ambiente, que perpassa todos os

outros setores e influencia diretamente a consciência e a sobrevivência”, disse. O objetivo da Fenaj, de acordo com Beth, é regionalizar as discussões sobre o tema, levando a discussão para outros segmentos, como o serrado e outras regiões.

### Meio ambiente é debatido em rede

Assunto vasto e ainda pouco explorado na maioria dos jornais brasileiros, o meio ambiente vem ganhando espaço cada vez maior na mídia. Uma iniciativa importante para ajudar os jornalistas que cobrem o setor é a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJA), um espaço de discussão de pautas e troca de informações para os profissionais da área.

A idéia de sua criação surgiu em função da Rio 92, quando os jornalistas tiveram que organizar encontros preparatórios para a cobertura do evento. Com o surgimento da internet comercial em 1998, foi a hora de criarem um esboço do que é hoje a rede, com a participação de mais ou menos 30 profissionais no início. Hoje são 300 membros, cerca de 260

ativos, e com a presença de profissionais até do Exterior e de brasileiros que moram no Exterior.

A única exigência para fazer parte da Rede é ser jornalista ou estudante de Jornalismo, mas ela é aberta a todos os interessados. Para participar, é preciso se “cadastrar”, mandando um e-mail para qualquer um dos moderadores justificando a razão do interesse em fazer parte da rede. Roberto Villar Belmonte, moderador sediado no Rio Grande do Sul, esclarece que o espaço não é utilizado para veiculação de matérias, apenas para a troca de informações sobre pautas e notícias de meio ambiente. Os interessados podem entrar em contato pelo e-mail [rvb21@terra.com.br](mailto:rvb21@terra.com.br).

### Jornalistas se organizam em associação internacional

Um dos desdobramentos do I Encontro Internacional de Jornalismo Ambiental da Amazônia foi a criação da Associação Internacional de Jornalistas da Amazônia (Aijam), formada por profissionais de todos os Estados brasileiros e países vizinhos com território na região. A proposta foi feita pela delegação do Pará e, como resultado, Belém foi a cidade escolhida para sediar o próximo encontro, agendado para 2005. Também ficou determinado que esses encontros passarão a ser bienais.

Os jornalistas da região compreendida pelos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia e Mato Grosso, assim como de países como Guiana Francesa, Suriname, Bolívia e Colômbia, participaram do debate em torno da criação da associação. O objetivo da entidade é a união desses profissionais como meio de promoção da melhoria na cobertura da imprensa para a realidade amazônica, buscando a preservação da região e a melhoria da qualidade de vida de seus habitantes. A carta de criação da Aijam foi assinada por sete sindicatos de jornalistas do Norte e Centro Oeste do Brasil e representantes da Federación de la Prensa de Santa Cruz (Bolívia) e da Asociación Peruana de Periodistas Ambientales.

# Formação

Estudante opera site

Está em funcionamento o site focaMagazine, projeto premiado no 8º Prêmio Sangue Novo. Idealizado pela estudante Daniele Rodrigues, da UTP, ele vem sendo tocado hoje em conjunto com outros estudantes. O endereço do site é [www.focamagazine.hpg.com.br](http://www.focamagazine.hpg.com.br)

## Sucesso no bate-papo sobre

# JORNALISMO cultural

Foi um sucesso o debate entre profissionais especializados e estudantes de Comunicação sobre Jornalismo cultural, promovido pelo Sindijor no dia 13 de setembro. O auditório do sindicato ficou lotado de estudantes, e houve cobertura pela RTVE. Este foi o primeiro evento que visa aproximar estudantes do meio profissional e que terá prosseguimento no próximo dia 18, com um bate-papo sobre Jornalismo esportivo.

Participaram do encontro os jornalistas Paulo Camargo, editor do Caderno G, da Gazeta do Povo, Luigi Poniwass, editor de Cultura de O Estado do Paraná, Denise Morini, setorista da CBN, e Abonico Ricardo Smith, repórter da RTVE e responsável pelo site Bacana. A aprovação foi geral. Como resumiu o jornalista Hélio Marques, professor da UniBrasil, o evento pôde mostrar aos estudantes uma das áreas em que ele pode atuar, interagindo diretamente com profissionais. “Foi um raro momento para discutir a profissão”, disse Marques.

Entre os temas em debate esteve a formação específica para o jornalista de cultura, que a faculdade de Jornalismo não costuma dar. Para Denise Morini, o curso de Comunicação deveria comportar uma cadeira de História da Arte. “Porém é obrigação do estudante ir atrás, procurar cursos similares. Afinal, no Jornalismo se enuncia juízo de valor somente com extremo cuidado, e repertório é fundamental, pois ninguém sabe tudo”, afirmou.



Estudantes lotaram o salão de eventos do Sindijor

Pedro Seráfico

Luigi Poniwass, editor de Cultura de O Estado do Paraná, relatou sua experiência pessoal, permeada pela escassez de recursos. “Diante disto, fica-se refém das campanhas de divulgação da indústria cultural. É uma ‘autonomia figurada’ para o editor”, afirmou ele. Com poucos repórteres e pouca estrutura, o editor de cultura tem de dar o extremamente factual, para não correr o risco de ser furado pelos concorrentes, observou Poniwass.

O debate se abriu para outras questões. Interrogado sobre se o problema da falta de uma identidade cultural brasileira se reflete no Jornalismo cultural, Paulo Camargo disse que os grandes produtores culturais do País aceitam como tipicamente brasileiro apenas o que é feito ao norte de São Paulo. “Com exceção de algumas produções gaúchas, o que ocorre no Sul, em especial o europeu, é tido como ‘menos

brasileiro’, sendo ‘tipicamente’ brasileiros os ambientes dominados pelas culturas afro e indígena”, afirmou.

A discussão entrou ainda em temas como o desaparecimento da crítica em cultura e sobre a existência ou não de critérios meramente idiossincráticos na definição da pauta do Jornalismo cultural. Foram abordados também o papel do jornalista de cultura e a relação com as fontes. Os estudantes aprovaram a iniciativa do debate. “É importante abrir esta discussão para se ter uma idéia de como está o mercado, conversando diretamente com os profissionais”, afirmou Carolina de Andrade Cardoso, aluna da UniBrasil.

“Foi bem proveitoso, pois nos ajuda ao mostrar o que se está fazendo, o que ocorre na área e o que poderemos fazer nela”, apontou Cíntia Cristo, estudante de Jornalismo da Universidade Tuiuti. Michelle Sessi, aluna da UniBrasil, afirmou que o evento foi um estímulo à consciência crítica do estudante. “Não deixou de ser um encontro de Filosofia”, disse. Abonico observou, ao final do debate, que o evento pôde proporcionar aos estudantes uma orientação sobre que caminho seguir no Jornalismo. “Antes de nós, não havia uma geração para dar este norte”, afirmou Abonico.

## Assessoria de Imprensa é novidade no 9º Sangue Novo

O Sindijor vai lançar este mês a nona edição do Prêmio Sangue Novo, para estudantes de Jornalismo de todo o Estado, e que vem com novidades. Será criada uma nova categoria – a de Assessoria de Imprensa –, e o prêmio terá uma coordenação deliberativa, que ficará encarregada de estabelecer critérios de julgamento, criar o regimento e homologar a composição das comissões julgadoras. As inscrições começam este mês e vão até 27 de fevereiro.

Outra novidade fica por conta das comissões julgadoras, que além dos três avaliadores, passam a contar com um suplente em cada uma delas. A

categoria de Monografia também terá alteração: os trabalhos devem apresentar um resumo com bibliografia de até 15 laudas para a pré-seleção. “Esta categoria vinha apresentando crescimento ano a ano e, analisando trabalho por trabalho, ela iria se tornar inviável”, afirmou Mário Messagi Júnior, diretor de Formação do Sindijor.

Na nova categoria de Assessoria de Imprensa – criada a pedido do grupo de discussão de Assessoria do Sindijor – podem ser inscritos trabalhos teóricos, com o diagnóstico de uma assessoria e propostas de mudanças ou projetos-piloto, como a criação de um jornal interno. Conforme explica Messagi, nas

categorias de projetos experimentais, a fundamentação teórica passa de duas para dez páginas, e deixa de existir limite mínimo para fotos na reportagem fotográfica, que não requer mais fundamentação teórica, apenas contextualização da foto.

As categorias que concorrem são Reportagem Impressa, Reportagem Fotográfica, Reportagem para Televisão, Reportagem para Rádio, Projeto para Telejornalismo, Projeto para Jornalismo Impresso, Projeto Jornalístico para Internet, Projeto para Radiojornalismo, Projeto Jornalístico Livre, Especial de Assessoria de Imprensa, Monografia e Jornal Laboratório.

# Formação

## Ceticismo quanto à venda de matérias

Pesquisa no site do Sindijor perguntou se os veículos de comunicação do Paraná vão deixar de vender espaços depois da denúncia da Folha de S. Paulo. A imensa maioria (88,9%) considera que os veículos do Estado continuarão “loteando” seu espaço editorial.

# Sindijor tenta acabar com ABUSOS na Lei Federal de Estágios

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná elaborou um conjunto de observações para subsidiar a elaboração da nova Lei de Estágios – que irá abranger todas as áreas, exceto Jornalismo. As notas foram entregues à deputada federal Clair da Flora Martins (PT-PR) pelo diretor de Formação do Sindijor, Mário Messagi Junior, e a reivindicação foi estendida a todos os membros da Frente Parlamentar da Comunicação.

A iniciativa demonstra a preocupação do Sindijor com a formação dos estudantes e com a sua inserção no mundo do trabalho. “Sempre nos posicionamos favoravelmente à execução de estágios por estudantes de Jornalismo em áreas correlatas à nossa profissão, embora a lei 83.284/79 proíba o estágio em atividades estritamente jornalísticas”, disse o presidente do Sindijor, Ricardo Medeiros, que lembra que a lei nada diz a respeito de algum impedimento aos estudantes de Jornalismo realizarem estágios.

Entre os pontos que requerem uma nova regulamentação estão a jornada máxima, que não pode exceder seis horas, a remuneração mínima, a fim de que o



estágio seja um investimento da empresa no estudante; o período do estágio (que não pode ocorrer no início do curso, visto que o estágio requer o conhecimento mínimo de algumas disciplinas); a determinação de quais atividades são passíveis de o estudante realizar, de forma a que não se sobreponha em áreas exclusivas de profissionais; e o

acompanhamento da coordenação, para que os estágios sejam curriculares, garantindo, assim seu rendimento.

As observações seriam para todos os cursos, exceto Jornalismo, que possui regulamentação própria, embora leve em conta problemas apresentados pelos estágios em Jornalismo. Messagi observou que hoje, por conta dos buracos

na legislação, ocorrem irregularidades que, apesar de não representarem uma precarização direta da profissão, resultam em absurdos, como o uso da mão-de-obra de estudantes de Jornalismo em vendas de automóveis com jornada de até oito horas.

Naturalmente que não é uma regra geral o estágio funcionar como “emprego disfarçado”, mas infelizmente algumas empresas estão desvirtuando o estágio para obter maiores lucros. As empresas e instituições que agem assim cometem uma fraude, que consiste em negar as garantias sociais dos trabalhadores, usando uma forma de driblar a Previdência Social, contratando estagiários mal remunerados, sem carteira assinada e sem garantias trabalhistas.

É importante frisar: a prática do estágio ilegal causa um enorme prejuízo ao país, que deixa de gerar empregos, impostos e contribuições. O Sindijor pede com a regulamentação o estabelecimento de providências legais para que o estágio efetivamente se transforme numa fonte de aprendizado para o estudante. Para tanto, a participação responsável das coordenações de curso e das empresas é fundamental.

### Horário de expediente dos diretores do Sindijor

Ficou definido em setembro o horário de permanência de alguns dos diretores do Sindijor na sede:

**Ricardo Medeiros (presidente):** de segunda a sexta-feira das 13h às 18h.

**Pedro Serápio (diretor executivo):** de segunda a sexta-feira das 9h às 12h.

**João de Noronha (diretor de Imagem):** de segunda a sexta-feira das 13h às 18h.

**Luigi Poniwass (diretor de Cultura):** terça-feira, das 11h às 12h.

**Rogério Galindo (diretor administrativo):** terça-feira, das 10 às 12 horas.

**Mário Messagi Júnior (diretor de Formação):** terça-feira, das 14h às 17h.

**Renata Sguissardi (diretora especial de Assessoria de Imprensa):** quinta-feira, das 13h às 14h.

**Cláudia Oliveira (diretora financeira):** sexta-feira, das 10h30 às 11h30.

### Semana de estudos discute “Uma Outra Comunicação”

De 20 a 24 de outubro, acontece a XII Semana de Comunicação do Curso de Jornalismo da UEPG. Com o tema “Por Uma Outra Comunicação”, o evento já tem a confirmação de oficinas, palestras, lançamentos editoriais, atividades paralelas e culturais. As palestras acontecerão no auditório da Proex/UEPG (em frente à catedral), sempre às 19h, e as oficinas nos laboratórios do curso de Jornalismo (Campus Central da UEPG). Estão sendo discutidas parcerias entre as três escolas de Jornalismo da cidade (UEPG, União e Santa Amélia) para ampliar as atividades da programação. Informações: (42) 220-3389.

### Pedro Washington sai da Gazeta

O jornalista Pedro Washington não publica mais sua coluna na Gazeta do Povo, após a reportagem da Folha de S. Paulo de 2 de setembro mostrando através de notas fiscais que o colunista teria recebido dinheiro do Palácio Iguazu durante a gestão Lerner. O diretor de Jornalismo da Gazeta, Arnaldo Cruz, acredita que a coluna não volte a ser publicada em função do desconforto causado com a revelação. Washington prossegue publicando seus textos em sete jornais do interior do Estado.

# Imagem

## Alimentos ao Pequeno Cotelengo

O Sindijor fez uma doação de alimentos ao Pequeno Cotelengo do Paraná – Dom Orione, entidade que cuida de portadores de necessidade especiais. Os alimentos foram arrecadados entre os participantes do workshop de saúde promovido pelo Sindijor no final de agosto.

# Duas chapas disputam direção da ARFOC-PR

A Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Paraná (Arfoc-PR) realiza no dia 7 de outubro eleições para renovar sua diretoria, hoje tendo à frente o repórter fotográfico Luiz Augusto Costa, da Gazeta do Povo. A eleição promete ser acirrada, já que duas chapas anunciaram que estão em disputa – a 2004-2005 (apoiada discretamente pelo atual presidente) e a Nova Onda.

Repórter cinematográfico da TV Iguazu, ex-presidente da Arfoc Paraná e vice-presidente da Arfoc Brasil (Regional Sul), Irany Carlos Magno encabeça a chapa 2004-2005, tendo como meta reestruturar a instituição, em especial nas finanças, e resgatar a imagem do repórter fotográfico e cinematográfico. Para isso, Magno pretende, se eleito, captar recursos externos para os empreendimentos da

Marcelo Manfron



**Rocha: buscando o dinamismo**

Arfoc e também se manter vigilante quanto à filiação dos repórteres fotográficos ao Sindijor.

Entre os projetos que Magno pretende realizar estão a retomada das exposições (em intercâmbio com outros Estados), a criação de um portal na internet e a informatização da Arfoc. A chapa criou um site ([www.iranymagno.cjb.net](http://www.iranymagno.cjb.net)) para divulgar suas propostas.

Chuniti Kawamura



**Magno: planos de reestruturação**

Para Jader da Rocha, que lidera a chapa Nova Onda, a meta é tirar a associação do que ele chama de inércia. Segundo Jader, o dinamismo já foi retomado pela própria eleição. Para o repórter fotográfico das revistas Placar e Caras Paraná, a associação “parou no tempo, a começar pelo estatuto, que é de 1969 e nunca foi atualizado”. De acordo com Rocha, a era digital e as

novas tecnologias requerem uma modernização na atuação da Arfoc Paraná.

Das propostas da chapa Nova Onda constam a promoção de debates, cursos, palestras, a realização de “exposições que desenvolvam o nível técnico, teórico e cultural dos associados”. Ainda estão nos planos da Nova Onda montar um curso de fotografia e vídeo aproveitando a experiência profissional do associado como professor.

Em alguns pontos, as propostas são coincidentes, como a da confecção de coletes padronizados pela Arfoc com as marcas de patrocinadores, para que os filiados os usem em suas atividades em coberturas e eventos. Também os dois candidatos à presidência se comprometeram a ajudar na condução da entidade caso não sejam eleitos.



**ONDE A ECONOMIA VAI BEM,  
VOCÊ PRECISA DO  
JORNALISMO ECONÔMICO.**



**ONDE A ECONOMIA  
PODE MELHORAR,  
VOCÊ PRECISA MAIS AINDA.**

**O PRÊMIO FIATALLIS DE JORNALISMO ECONÔMICO AGORA É PATROCINADO PELO BANCO CNH CAPITAL. MAS CONTINUA O MESMO.**

O Prêmio Fiatallis de Jornalismo Econômico, um dos mais conceituados prêmios de jornalismo do Brasil, está de patrocinador novo. A partir de agora, em vez de ser patrocinado pela Fiatallis, o prêmio será patrocinado pelo Banco CNH Capital, mais uma empresa da CNH. Há 11 anos, o Prêmio de Jornalismo Econômico vem acompanhando de perto todos os momentos da economia brasileira e premiando o

**INFORMAÇÕES:** Rua Marília de Dirceu, 226 - 8º andar - Lourdes (31) 3275-3036  
**INSCRIÇÕES:** Enviar para Caixa Postal 592 - CEP 30123-970 - BH - MG  
**PREMIAÇÃO:** ■ Modalidade "Revistas": R\$ 12.500,00  
 ■ Modalidade "Jornais": R\$ 12.500,00  
 ■ Dois prêmios para duas reportagens especiais: R\$ 5.000,00 (cada).

trabalho dos profissionais que traduzem os fatos mais importantes do mercado para o dia-a-dia do leitor. E esse compromisso continua o mesmo. Você que é jornalista e tem matérias sobre economia impressas e publicadas em português, no período de 01/10/2002 a 30/10/2003, inscreva-se. Porque, seja qual for a situação econômica do país, o que não pode faltar é informação.

**INSCRIÇÕES ATÉ  
30 DE OUTUBRO DE 2003**



CNH CAPITAL É UMA EMPRESA DA CNH.  
CNH: LÍDER MUNDIAL EM MÁQUINAS PARA AGRICULTURA E CONSTRUÇÃO E EM SERVIÇOS FINANCEIROS.



**PRÊMIO DE  
JORNALISMO  
ECONÔMICO**

Um prêmio para a economia do Brasil.





# Defesa Corporativa

## Cartões de crédito no Sindijor

Você pode efetuar seus pagamentos no Sindijor com os cartões Mastercard ou Dinners. Débitos atrasados, renovação de carteira de identidade profissional ou outros pagamentos podem ser parcelados em três vezes sem acréscimo, e você ainda escolhe a melhor data para saldar sua dívida.

# Convenção: jornalistas dizem

# NÃO à proposta patronal

Um sonoro “não” foi a resposta dada pelos jornalistas à vergonhosa proposta feita pelos patrões para a convenção coletiva 2003-2004. E não era para menos. Não bastasse ter chegado atrasada, a pauta foi um verdadeiro insulto aos jornalistas, ao propor perdas para a inflação, o congelamento do piso e o fim do anuênio, entre outras barbaridades.

Reunidos em assembléia que lotou a sala de eventos do Sindijor, no dia 25 de setembro, os jornalistas rejeitaram as propostas, que vão contra todas as lutas históricas da categoria. A rejeição total mostra o descontentamento da classe com a displicência com que os donos dos veículos trataram a negociação. A campanha salarial 2003-2004 visava antecipar o fechamento do acordo para também apressar o pagamento do reajuste; de forma a que parte do aumento fosse concedida já em agosto.

Em vista disso, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Londrina apresentaram aos patrões a proposta de antecipação da inflação numa reunião no dia 21 de julho. Apesar de haver mais tempo, os donos de veículos foram protelando uma resposta. Como observa o presidente do Sindijor, Ricardo Medeiros, o retardo nas negociações foi uma tentativa dos patrões para



Daniel Castellano

**Assembléia no Sindijor mostra o descontentamento dos jornalistas com a proposta patronal**

desmobilizar a categoria e nos forçar a aceitar a pauta desvantajosa.

Negociando em primeiro lugar as cláusulas econômicas, o Sindijor visava ter ainda mais tempo para discutir os demais itens da convenção, mas o plano

foi frustrado pela demora na resposta dos patrões, que, quando chegou, foi uma decepção. Além de proporem o fim do anuênio (que já é a única forma de escala salarial) e de planejarem aumentar a jornada de cinco para sete horas, os

donos dos veículos apontaram para o fim do adicional das horas-extras e não quiseram repor as perdas inflacionárias, que este ano devem somar 17,26%, segundo estimativa do Dieese.

Eles aceitaram dar um aumento de 5% em outubro e outros 5% (não cumulativos) em janeiro aos trabalhadores que ganham hoje até R\$ 1.500,00. Para quem ganha mais que este valor, a idéia era dar um incremento de apenas 5% em outubro. Não bastasse tudo isso, o piso salarial seria ainda mantido nos atuais R\$ 1.299,23.

### Na pior?

A alegação dos veículos é de que a conjuntura econômica é pouco propícia e que não é possível manter os direitos dos trabalhadores. Então, é o momento de lembrar alguns fatos interessantes. A RPC, que está adquirindo 40% da TV Paranaense, acaba de construir um imóvel próprio. A própria Associação Nacional dos Jornais (ANJ) informa que o mercado publicitário cresce acima do PIB. Para o segundo semestre de 2003, as emissoras de TV projetam faturar até 16% acima do que embolsaram em igual período do ano passado.

De acordo com fontes do mercado publicitário, a partir de outubro passa a vigorar uma nova tabela de anúncios em todos os veículos do Estado, com reajuste de cerca de 8%. Com isso, desde setembro de 2002, o aumento nas tabelas de publicidade chega a 24,8%. A pergunta é: eles estão mal? A julgar o que diz a Folha de S. Paulo na edição do dia 2 de setembro, sobre a venda de reportagens, parece que não.

### DRT autua Roteiro das Noivas e Festas

A revista Roteiro das Noivas e Festas foi autuada pela Delegacia Regional do Trabalho por não apresentar documentação exigida pela fiscalização, feita após denúncia do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. O Sindijor apresentou a queixa contra a empresa por ela não ter pagado integralmente a remuneração contratada às jornalistas Magaléa Mazziotti, Márcia Maciel Moreira e Melissa Mussi Baptista, que realizaram trabalhos para a publicação.

### Reunião discute irregularidade em estágio

O Sindijor participou no dia 23 de setembro de uma reunião na Delegacia Regional do Trabalho, para discutir a contratação de estagiários na assessoria de imprensa da Prefeitura de São José dos Pinhais. A contratação dos estagiários – seis, que se somariam a outros seis que já atuam na assessoria – feria a legislação em diversos pontos, entre os quais a jornada excessiva e a realização de tarefa exclusiva de profissionais diplomados.

### Sindicato denuncia Metropolitan's

O Sindijor apresentou denúncia na Delegacia Regional do Trabalho contra o jornal Metropolitan's Notícias, editado pela Êxito Comunicação Ltda, de Quatro Barras. Dois de seus funcionários – Cirus Itiberê e Cristiane do Rocio Fortes – desempenhavam atividades jornalísticas sem o devido registro profissional.

### Irregularidades nos Campos Gerais

O diretor de Fiscalização da Delegacia do Sindijor de Ponta Grossa, Luiz Carlos Dzulinski, realizou, entre o final de agosto e primeira semana de setembro, um levantamento das empresas de Ponta Grossa onde há exercício irregular da profissão. Entre as irregularidades encontradas, estão o pagamento abaixo do piso salarial mensal estipulado (R\$ 1.299,23), atraso no pagamento salarial, estudantes trabalhando e recebendo abaixo do piso salarial e desvio de função. Com base no levantamento realizado, o sindicato já encaminhou documento à Subdelegacia Regional do Trabalho no Paraná, em Ponta Grossa, solicitando providências.

# Defesa Corporativa

Questionada catraca-ponto em O Estado do Paraná  
O Sindijor encaminhou um ofício à Editora O Estado do Paraná cobrando providências na catraca-ponto da empresa, que costuma ficar desligada nos domingos e feriados, o que dificulta o controle de presença dos funcionários que estão trabalhando nestes dias.

# NEGOCIAÇÃO

## deve ser concluída em outubro

Diante da recusa sistemática dos patrões em negociar, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Londrina solicitaram uma mesa-redonda na Delegacia Regional do Trabalho (DRT) em Curitiba. Foi só mediante esta pressão que a proposta patronal foi apresentada e ainda assim em termos absolutamente desvantajosos.

A negociação não prosseguiu em termos satisfatórios e deve continuar este mês, diretamente entre as partes, sem intermediação do Ministério do Trabalho. A expectativa é de que os patrões mudem de posição e reconsiderem a pauta dos trabalhadores, que prevê a reposição da inflação e a manutenção das conquistas históricas. As próximas reuniões estão marcadas para o dia 6 de outubro pela manhã e dia 14 à tarde, na sede do Sindijor.

Caso as negociações não sejam concluídas de forma amistosa até a data-base (o que já é o caso, pois entramos

Pedro Serápio



Fechamento da mesa-redonda pedida pelos jornalistas na DRT

em outubro sem uma solução), pode ser instaurado um processo judicial, encaminhado à Justiça do Trabalho para que o tribunal decida pelas partes. É o

dissídio coletivo, processo longo, penoso e desgastante, que pode retardar por vários meses e até anos a reposição salarial.

### Campanha unificada com a CUT

Como forma de ganhar apoio na negociação e aumentar a representatividade, o Sindijor integrou-se à campanha salarial unificada promovida pela Central Única dos Trabalhadores (CUT). Conforme explicou Guilherme de Carvalho, diretor administrativo do Sindijor, diversas categorias com data-base no segundo semestre devem participar. “Com a campanha unificada, fortalecemos as categorias em campanha e deixamos de ser meramente corporativistas e passamos a ver os outros trabalhadores de forma mais ampla”, afirmou.

## Requião usa TV pública para execrar jornalistas

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná lamenta a perseguição a profissionais da TV Paranaense movida pelo governo do Estado na programação da TV Educativa. Uma matéria feita pelos jornalistas Zeca Marquetti e Carolina Wolf veiculada no Bom Dia Paraná no dia 5 de setembro tem sido exibida exaustivamente (inclusive com a cabeça, feita pela apresentadora Thays Beleze) na TV pública a título de “matéria jornalisticamente mal conduzida”. A reportagem abordava os efeitos do fechamento das casas de bingo, promovido pelo governo do Estado e subsequente batalha jurídica pela reabertura e tinha como um dos personagens uma mulher grávida, que estava com o emprego ameaçado.

O governador Roberto Requião entendeu que a reportagem era uma afronta à sua iniciativa de coibir o jogo no Paraná. Em seu programa na TV Educativa

no dia seguinte, afirmou que a matéria era tendenciosa, pois apelaria ao sentimentalismo e omitiria, segundo ele, o fato de que os bingos estariam acobertando o narcotráfico e o crime organizado – acusações que um jornalista que não detém o cargo de governador dificilmente faria sem apresentar provas. A tentativa de desqualificação do trabalho dos profissionais da TV Paranaense chega ao cúmulo quando Requião exorta os telespectadores a opinar, através de um serviço telefônico 0800 sobre quem está com a razão – o governo do Estado ou a TV Paranaense.

Quem acha que a TV pública só foi usada apenas desta vez para fazer propaganda e contrapropaganda do governo engana-se. O secretário de Estado da Comunicação, Airton Pisseti, afirmou que se trata de “um estado permanente contra tudo o que o governo considerar como material jornalisticamente

mal conduzido”. Ele não afirma que tenha existido conluio entre a TV Paranaense e os bingos, mas que “obviamente” houve com a matéria uma manobra em favor das casas de jogo.

Como observa Carolina Wolf, embora a qualidade e a lisura de seu trabalho tenham sido publicamente questionadas, a crítica de Requião não cita explicitamente seu nome, e nem ao menos o direito de imagem foi violado, o que dificulta o questionamento judicial. Apesar de a direção da TV Paranaense não ter considerado a matéria como tendenciosa, nenhuma iniciativa foi tomada no sentido de exigir do governo do Estado um direito de resposta ou a reparação de danos.

O Sindijor não se envolve no questionamento do comportamento dos veículos, mas não admite que os jornalistas sejam desmoralizados por conta de seu trabalho.

# Assessoria de Imprensa

## Senador e deputada integram-se à Frente

O senador Álvaro Dias (PSDB) e a deputada federal Selma Schons (PT) aderiram à Frente Parlamentar da Comunicação. Com a participação dos novos membros, chega a 22 o número de parlamentares que integram a Frente.

# TST decide: jornada de cinco horas para ASSESSOR DE IMPRENSA

Uma decisão da 5ª Turma do Tribunal Superior do Trabalho estipulou que a jornada de assessores de imprensa deve ser igual a dos jornalistas de empresas estritamente jornalísticas, ou seja, de cinco horas. O TST negou provimento a um agravo de instrumento ajuizado pela Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), do Rio Grande do Sul, no qual a empresa tentou reverter uma condenação para pagar quatro anos de horas extras a seu ex-assessor de imprensa, Clóvis Marco de Souza, e manteve a condenação proferida pelo Tribunal Regional do Trabalho gaúcho, que entendeu que o assessor tinha direito à jornada especial de jornalista, mesmo não tendo trabalhado em uma empresa exclusivamente jornalística.

Souza trabalhou para a CEEE de dezembro de 1973 a julho de 1996, sempre com jornada de oito horas diárias. A partir de maio de 1992, passou



a exercer atividades de jornalista profissional na assessoria de comunicação social da empresa e deveria, de acordo com o artigo 303 da CLT, cumprir jornada de cinco horas diárias. Como a jornada especial

estipulada para os profissionais do jornalismo lhe foi negada, o assessor de imprensa foi à Justiça pleitear o pagamento de três horas extras diárias e seus reflexos nas demais verbas trabalhistas.

Provas testemunhais acrescidas ao processo mostraram que Souza desempenhava atividades típicas da profissão de jornalista. Entre elas estavam o exercício habitual de redação de matérias para meios de comunicação, o acompanhamento de diretores da empresa em entrevistas, a separação de material nos jornais que dissessem respeito à CEEE e até mesmo a redação de roteiros de filmes e documentários para a empresa. A argumentação da companhia — de que não é uma empresa essencialmente jornalística e que, portanto, não poderia dar a Souza o tratamento de jornalista — não foi levada em consideração. Embora possa até criar jurisprudência, a decisão não é definitiva, pois o entendimento em outras turmas do tribunal pode ser diferente. De qualquer maneira, é uma vitória para a classe jornalística, pois, enfim, se reconhece que os assessores de imprensa são jornalistas como os demais.

## Ética, formação e mercado em debate no Enjac

O 14º Encontro Nacional dos Jornalistas em Assessoria de Comunicação (Enjac), que acontece em Florianópolis de 9 a 11 de outubro, vai ter entre outros temas em destaque a necessidade de uma conduta ética nas assessorias. Outros pontos que vão ser debatidos são a formação para assessores de imprensa, as condições de trabalho, a política de comunicação para o Brasil e a comunicação e a sociedade em tempo de globalização. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Londrina vai reivindicar no evento que a próxima edição do Enjac se realize em sua cidade-sede. Informações sobre o evento podem ser obtidas em <http://www.sjsc.org.br/enjac>.

## Sindijor reúne entidades para discutir crise na mídia

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná vai promover um evento para discutir com empresários, políticos e outros trabalhadores a crise no mercado de trabalho dos jornalistas e a retração nos investimentos em publicidade — causa maior da queda no desempenho nas empresas jornalísticas.

“Queremos mobilizar os empresários e trabalhadores para que vejam a importância do fortalecimento do mercado”, afirmou o presidente do Sindijor, Ricardo Medeiros. Com o crescimento do mercado, novas contratações ocorrerão, o poder aquisitivo dos profissionais

da comunicação vai melhorar e serão abertas novas frentes de trabalho em áreas deprimidas, explicou Medeiros.

Para tanto, devem ser convidados diretores de entidades representativas do comércio, indústria, publicidade e sindicatos de trabalhadores para que tragam subsídios a fim de se tentar contornar a crise da mídia e criar oportunidades de geração de emprego e renda para os jornalistas. O evento, previsto inicialmente para acontecer dia 7 de outubro, na Assembléia, foi adiado por conta do velório do deputado José Carlos Martinez. E ainda não há nova data para ocorrer.

## Frente Parlamentar recebe primeiro documento

O primeiro documento de proposições elaborado pela atual direção do Sindijor foi entregue no início do mês aos integrantes da Frente Parlamentar da Comunicação, que já somam 22 membros paranaenses nas diversas esferas do Legislativo. Trata-se da primeira ação para mobilizar os parlamentares para as causas de interesse dos jornalistas.

Nas propostas, o Sindijor fez questão de salientar a luta em prol da criação do Conselho Federal de Jornalismo e dos conselhos regionais, travada pela Fenaj e pelos sindicatos e que agora aguarda aprovação do Ministério do Planejamento.

Também foram propostas medidas de controle para a abertura e manutenção de faculdades de Jornalismo e pela criação de uma nova Lei de Estágios.

O informativo pede ainda a criação da carreira de jornalista em todas as esferas do serviço público e uma regulamentação para o uso de verbas publicitárias pelos governos, a fim de evitar situações como a venda de matérias. O documento procura ainda mostrar a importância da democratização dos meios de comunicação e envolver os parlamentares nas discussões sobre o tema.

Por iniciativa do vereador André Passos (PT), a Câmara Municipal de Curitiba aprovou uma moção de apoio ao anteprojeto para a criação do Conselho Federal de Jornalismo, proposta pela Fenaj e que está aguardando aprovação do governo federal.

# Direitos do TRABALHADOR com doença ocupacional

Sujeitos como poucos trabalhadores a doenças ocupacionais como LER/Dort, os jornalistas precisam estar atentos aos seus direitos quando são acometidos por esta moléstias. Como lembra o diretor de Saúde do Sindijor, Jorge Javorski, os jornalistas não são suficientemente informados a respeito de seus direitos legais relacionados às doenças do trabalho. “Como agravante, chegam a ser demitidos mesmo sendo portadores destes males”, afirmou.

O engenheiro de Segurança do Trabalho e auditor da Delegacia Regional do Trabalho em Curitiba Francisco Carlos Bergami explica que uma doença ocupacional, ao ser constatada, equivale a um acidente de trabalho. Tão logo a empresa seja informada, ela tem de fazer um Comunicado de Acidente de Trabalho (CAT) ao INSS em até 48 horas.

Conforme observa Ricardo Bruel da Silveira, procurador do Ministério Público do Trabalho, o trabalhador,

com a CAT, pode requerer o benefício acidentário do INSS. “Se ele precisar se afastar por mais de 15 dias, deve receber o auxílio acidente, e com isso ganha estabilidade no emprego por 12 meses”, afirmou Bergami. Além disso, o trabalhador pode processar a empresa, caso a doença deixe seqüelas e tenha sido provocada por falta de estrutura ou orientação.

Bergami afirma que, embora os direitos do trabalhador sejam preservados em lei, uma doença

ocupacional pode gerar inúmeros transtornos, como a avaliação pelos peritos do INSS de que se trata de um mal de outra natureza. “Afastado, o trabalhador pode ficar sem salário”, afirmou. Outro problema é a não-emissão da CAT pela empresa, mas isto pode ser resolvido com uma solicitação ao sindicato ou diretamente em postos do INSS. Mais informações sobre doenças ocupacionais, ligue para a Promotoria de Defesa da Saúde do Trabalho: (41) 219-5000.

## Sindijor faz contratos com entidades

A diretoria-executiva do Sindijor está realizando a regularização de todos os espaços cedidos a outras entidades na Casa do Jornalista. Segundo o diretor Pedro Serápio, serão feitos contratos com os sindicatos dos Radialistas, Publicitários, Gráficos e com a Arfoc, com vigência até o final da atual gestão do Sindijor. “Com isso, será formalizado o rateio das despesas comuns do prédio”, disse.

Outra inovação da sede é a colocação de placas de orientação para os visitantes. Segundo Serápio, ficou estabelecida ainda a doação de livros defasados do acervo do Sindijor para a Biblioteca Pública do Paraná. Para o fim do ano, está prevista a pintura da sala da diretoria, e, em janeiro, deve ocorrer a limpeza da fachada (primeira fase da reforma da parte externa do prédio) e a informatização da biblioteca.

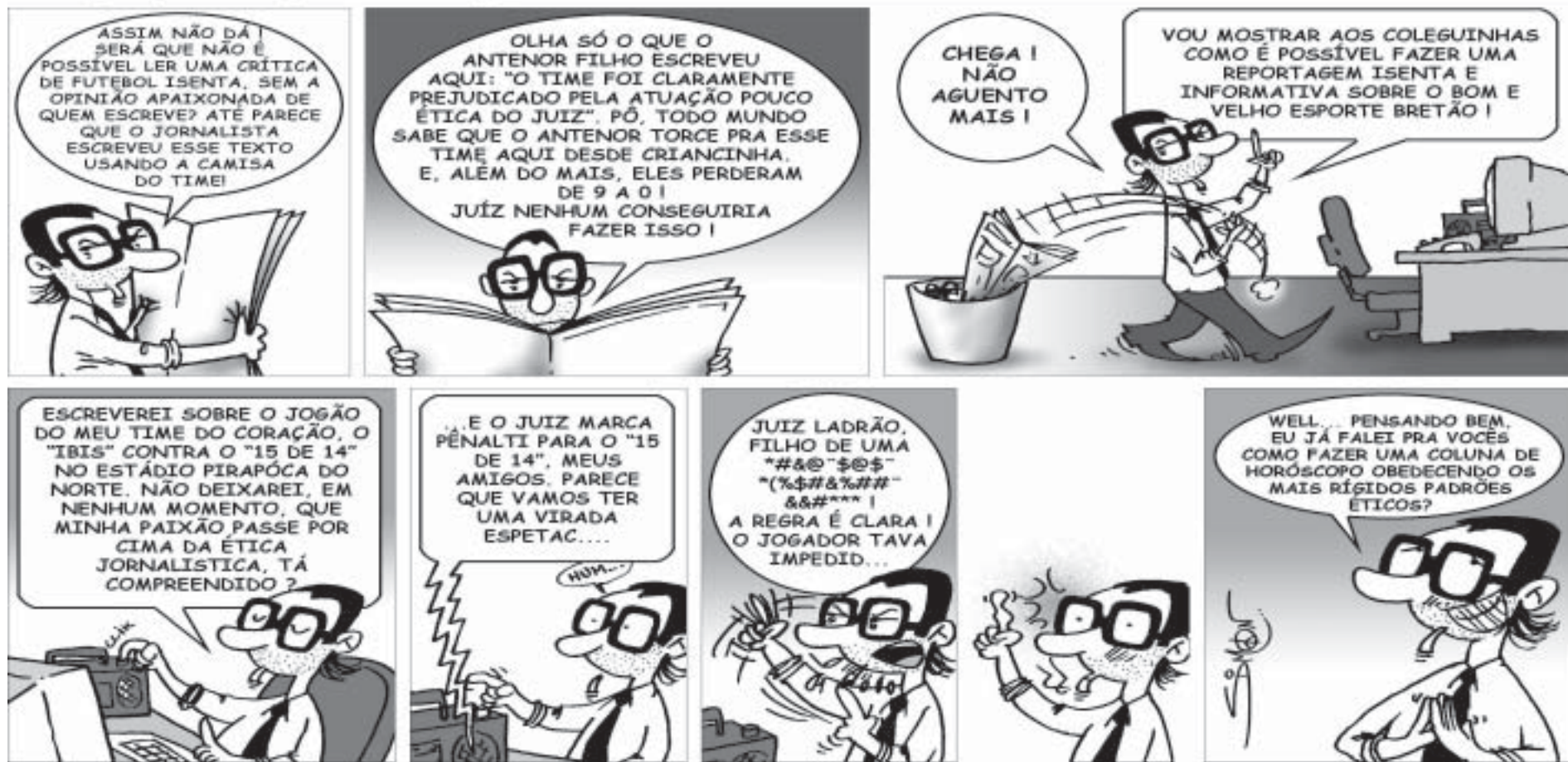
## Jornalistas podem resolver pendências nas redações

De 6 a 10 de outubro, o Sindijor faz uma série de visitas às redações para que os jornalistas possam regularizar sua situação junto ao sindicato. Conforme explica a diretora-financeira do sindicato, Cláudia da Conceição Oliveira, será possível renovar carteiras, atualizar cadastro e quitar mensalidades. Em alguns veículos, haverá visitas pela manhã e à tarde, a fim de poder atender os profissionais dos diversos turnos.

Trata-se de uma iniciativa do Sindijor para trazer de volta para a base jornalistas que deixaram de pagar o sindicato. A ação dá prosseguimento à campanha das carteiras vencidas, feita em agosto. “O jornalista muitas vezes não tem tempo de ir ao sindicato. Com as visitas, vamos disponibilizar uma oportunidade de eles porem as contas em dia, e com mais comodidade”, afirmou Cláudia.

## Magal, O Repórter Legal

simontaylor@iname.com



# História

## Sindijor faz parceria para eventos

O Sindijor firmou parceria com o jornalista Hélio Marques, que passa a atuar na execução dos eventos de Imagem, Formação e Saúde que o sindicato realiza mensalmente. Em contrapartida, o Sindijor vai encartar juntamente com o Extra Pauta o jornal Nota 10, editado por Marques.

# Na trilha da PROFISSIONALIZAÇÃO

**A** história da regulamentação profissional do jornalista no Brasil se confunde com a história da própria imprensa. Do Jornalismo panfletário do século XIX, emergiu a necessidade de profissionalização exigida já nos primeiros anos do século XX. Em 2003, ano em que a obrigatoriedade do diploma foi abalada pela decisão (já derrubada) da juíza Carla Rister, completaram-se 65 anos da primeira regulamentação profissional efetiva. Desde então, muitos aspectos mudaram, mas o cerne da questão permaneceu intacto: com dedicação e combatividade, os jornalistas conseguem manter e aprimorar a condição da profissão, que, acima de tudo, exige responsabilidade.

**1746** – Antônio Isidoro da Fonseca inaugura uma tipografia no Rio de Janeiro, fechada no ano seguinte pela Carta Régia de 10 de maio, que proibia a impressão de livros ou de papéis avulsos na colônia.

**1808** – A chegada da Coroa Portuguesa ao país inaugura o surgimento da imprensa brasileira com a fundação da Imprensa Régia, em maio. Mais tarde passa a se chamar Imprensa Nacional

**1808** – O Correio Braziliense, fundado por Hippólito da Costa e elaborado em Londres, foi o primeiro jornal em língua portuguesa a circular no Brasil, em junho de 1808. O Correio circula até dezembro de 1822.

**1823** – É criada a primeira Lei de Imprensa no Brasil, punindo a veiculação de material contra a Igreja Católica. Baseada na lei portuguesa, a lei brasileira entra em vigor por meio de um decreto de Dom Pedro I.

**Até finais do século XIX**, a imprensa brasileira se caracteriza pelo caráter propagandístico/panfletário e não é exigida formação, exceto a adesão à causa (em geral as questões sociais do país: abolicionismo, liberalismo, Independência, República).

**1918** – O Primeiro Congresso Nacional dos Jornalistas Profissionais, realizado no Rio de Janeiro, defende pela primeira vez a regulamentação profissional e a criação de escolas de nível superior de Comunicação.

**1938** – Primeira regulamentação profissional específica de Jornalismo, feita por Getúlio Vargas, estabelece as condições de trabalho, entre as quais a jornada de cinco horas.

**1943** – Aprovada a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). O Título III, Capítulo I, Seção XI trata dos “Jornalistas Profissionais”.

**1943** – O Decreto-Lei nº 5.480 institui o curso de Jornalismo no sistema de Ensino Superior do país.

**1944** – O governo federal cria o piso salarial para pessoas que trabalham em atividades jornalísticas.

**1947** – Fundação em São Paulo da Faculdade Cásper Líbero, primeiro curso superior de Jornalismo do Brasil.

**1959** – Criada a aposentadoria especial para jornalistas. Com ela, os jornalistas passaram a ter direito à aposentadoria integral aos 30 anos de serviço (cinco a menos que a maioria das categorias). Para isso, era necessário ter não apenas o registro em carteira, mas também o registro no Ministério do Trabalho.

**1962** – Estipuladas as regras para se obter o registro profissional de jornalista.

**1969** – O Decreto Lei nº 972 foi a primeira regulamentação efetiva e abrangente da profissão e o primeiro reconhecimento jurídico da necessidade de formação superior e do registro profissional. Foram tipificadas as atividades do jornalista (redação, edição, entrevista, revisão, arquivo, fotografia, filmagem etc.) e estabelecidos os critérios para o exercício da profissão, entre eles a obrigatoriedade do diploma. No artigo 12, porém, ficou ressalvado que, enquanto não houvesse uma nova lei para regulamentar, seriam aceitos novos provisionados (limitados a um terço das novas admissões).

**1973** – Regulamentado o registro de empresas jornalísticas (Lei nº 6.015, de 31 de dezembro).

**1979** – Regulamentação definitiva da profissão de jornalista. Em decorrência de uma lei de 1978, é necessária uma nova e definitiva regulamentação profissional, que vem com o Decreto nº 83.284, de 13 de março de 1979. Além de separar funções exclusivas para os diplomados em Jornalismo, o decreto estabelece que os provisionados tenham como escolaridade mínima o então Segundo Grau. Era necessário ainda para o registro de provisionado que o sindicato da cidade abrangida pelo registro declarasse que não há jornalista associado do sindicato domiciliado naquele município disponível para contratação. O registro provisionado passou a valer por no máximo três anos.

**1985** – O Decreto nº 91.920 regulamenta a transformação de jornalistas provisionados em profissionais. Puderam ingressar como efetivos os provisionados que

trabalhavam no Jornalismo nos dois anos imediatamente anteriores ao Decreto 83.284/79, de 13 de março de 1979.

**1985** – O Código de Ética dos Jornalistas no Brasil é redigido e aprovado em congresso realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) no Rio de Janeiro.

**1995** – A Lei 9.032 limita aposentadoria especial, mas não se menciona especificamente a de jornalista.

**1998** – A Lei 9.610, de 19 de fevereiro, altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais.

**1999** – Frustrada pelo presidente da República a tentativa de criação do Conselho Federal de Jornalismo com o veto após todo o trâmite no Congresso Nacional.

**1999** – Decreto 3.048, que regulamenta a Previdência Social, revogou expressamente as aposentadorias especiais de jornalistas, jogadores de futebol e telefonistas. Jornalistas que tinham cumprido os requisitos até 13 de outubro de 1996 poderiam ainda solicitar a aposentadoria especial.

**2002** – Ao julgar uma ação civil pública proposta pelo Ministério Público Federal e Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão no Estado de São Paulo, a juíza Carla Rister, da 16ª Vara Cível de São Paulo, determina que se elimine a necessidade de apresentação do diploma de curso superior de Jornalismo para se efetuar o registro profissional. A decisão, dada em dezembro, só seria publicada em janeiro de 2003.

**2003** – No dia 23 de julho, uma decisão da desembargadora Alda Basto revoga a sentença de Carla Rister, e o diploma volta a ser exigido.



Reprodução Washi Rodrigues



Gazeta Press

# Biblioteca da comunicação

**A sangue frio - relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas conseqüências**  
**Truman Capote, Companhia das Letras, São Paulo, 2003, 440 pp. R\$ 39,50**



A obra máxima de Truman Capote, o romance-reportagem A sangue frio, chega em nova edição pela Companhia das Letras. O livro conta a história da morte de toda a família Clutter, em Holcomb, Kansas (Estados Unidos), e dos autores da chacina. Capote decidiu escrever sobre o assunto ao ler no jornal a notícia do assassinato da família, em 1959. Quase seis anos depois, em 1965, a história foi publicada em quatro partes na revista The New Yorker. Além de narrar o extermínio do fazendeiro Herbert Clutter, de sua esposa Bonnie e dos filhos Nancy e Kenyon – uma típica família americana dos anos 50, pacata e integrada à comunidade –, o livro reconstitui a trajetória dos assassinos. Perry Smith e Dick Hickcock planejaram o crime acreditando que se apropriariam de uma fortuna, mas não encontraram praticamente nada. Perry era um sonhador. Teve criação conturbada e violenta, e achava que a vida lhe tinha dado golpes injustos. Dick, considerado o cérebro da dupla, queria apenas arrebatar o dinheiro e desaparecer. Presos e condenados, ambos morreram na forca em 1965.



**A milésima segunda noite da Avenida Paulista – E outras reportagens**  
**Joel Silveira, Companhia das Letras, São Paulo, 2003, 216 pp. R\$ 31,00**

“A milésima segunda noite da Avenida Paulista” é uma coletânea de textos escritos ao longo da década de 1940, em que Joel Silveira emprega, de forma inovadora no Brasil, recursos próprios da literatura. Dono de um estilo famoso pela mordacidade, o jornalista cobriu fatos que marcaram a vida política do país e, no Rio de Janeiro, conviveu com artistas e intelectuais como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. Sua primeira matéria de destaque foi “Grã-finos em São Paulo”, perfil debochado da elite paulistana que saiu em 1943, na revista carioca Diretrizes, de Samuel Wainer. Além de reportagens, o livro traz crônicas curtas e bem-humoradas sobre a vida cultural do Rio, além de textos situados entre o perfil e a entrevista, retratando escritores e artistas como Monteiro Lobato, Agripino Grieco, Antônio Nássara, Candido Portinari e João Cabral de Melo Neto. O jornalista Fernando Moraes assina o posfácio do livro, em que faz um perfil de Joel Silveira, comentando a trajetória e fatos recentes da vida do jornalista, como sua “anticandidatura” à Academia Brasileira de Letras.

**Capas de jornal – a primeira imagem e o espaço gráfico visual**  
**José Ferreira Júnior, Editora Senac, São Paulo, 2003, 127 pp. R\$ 30,00**

A capa de um jornal é o primeiro contato que o leitor tem com o mais antigo e ainda fundamental veículo de informação. A primeira página como a conhecemos hoje respeita parâmetros estéticos inexistentes há pouco mais de meio século, quando suas páginas eram preenchidas apenas por textos. Para facilitar a leitura e melhorar o apelo visual, os jornais investiram em profundas reformas gráficas. Com apresentação do jornalista José Hamilton Ribeiro, “Capas de Jornal – A Primeira Imagem e o Espaço Gráfico Visual”, do jornalista e doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP José Ferreira Junior, analisa as transformações gráficas ocorridas na última metade do século 20, tendo como foco três grandes veículos que marcaram época no Jornalismo brasileiro: o Jornal do Brasil, o Jornal da Tarde e o Correio Braziliense.

**O ciberespaço como fonte para os jornalistas**  
**Elias Machado, Editora Calandra, Salvador, 2003, 188 pp. R\$ 30,00**

A chegada das redes digitais às redações trouxe muitas transformações para a atividade jornalística diária e a principal delas, certamente, foi a possibilidade de se ter acesso a informações em apenas um ou dois cliques. O desafio para os profissionais também cresceu. Afinal, é preciso garantir a qualidade da apuração sem perder de vista a necessidade de otimizar o tempo dos profissionais, cada vez mais escasso. Conjugando fatores tão díspares não é tarefa fácil e discutí-los é a proposta do livro “O ciberespaço como fonte para os jornalistas”, do professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Elias Machado, jornalista com mais de vinte anos de carreira. Mais recente lançamento da Editora Calandra, este é o primeiro volume da Biblioteca J. A Coleção, dirigida pela professora Tattiana Teixeira, que pretende reunir livros em linguagem acessível a todos os interessados em temas fundamentais para o Jornalismo.



**Manual de sobrevivência na selva do Jornalismo**

**Luiz Antonio Mello, Editora Casa Jorge, Niterói, 2003, 144 pp. R\$ 18,00**

Este livro – resultado de vivências, acertos e erros – é um guia prático para todos aqueles que pretendem ingressar na carreira jornalística ou já estão iniciando-se na profissão. Com uma experiência de vinte e cinco anos ininterruptos de mídia, o autor apresenta sugestões, atalhos e macetes que podem facilitar a vida de quem, um dia terá de sobreviver na selva das redações. Luis Antonio de Farias Mello é bacharel em Comunicação Social pela Universidade Estácio de Sá, começou na imprensa em 1971 e é autor dos livros “Nichteroy, essa loucura balzaca”, “A onda maldita” e “Torpedos de Itaipu”.

## tabela de preços

### SALÁRIOS DE INGRESSO OUT 2002/OUT 2003

Repórter, redator, revisor, ilustrador, diagramador,	1.299,23
repórter fotográfico e repórter cinematográfico	1.688,99
Editor	1.688,99
Pauteiro	1.948,85
Editor chefe	1.948,85
Chefe de setor	1.948,85
Chefe de reportagem	1.948,85

Estes são os menores salários que poderão ser pagos nas redações; Os valores da tabela são para jornada de trabalho de 5 horas. O piso salarial da categoria é definido em Acordo Coletivo de Trabalho, Convenção Coletiva e/ou Dissídio Coletivo.

### FREE LANCE

#### Redação

Lauda de 20 linhas (1.440 caracteres)	69,71
Mais de duas fontes:	50% a mais

#### Edição por página

Tablóide	90,29
Standard	108,19

#### Diagramação por página

Tablóide	45,15
Standart	61,58
Revista	33,56
Tablita / Ofício / A4	22,94

#### Revisão

Lauda (1.440 caracteres)	18,17
Tablóide	37,95
Tablita	28,62
Standard	79,35

#### Ilustração

Cor	107,72
P&B	71,73

### Reportagem fotográfica – ARFOC (tabela nova)

#### Reportagem Editorial

Saída cor ou P&B até 3 horas	245,00
Saída cor ou P&B até 5 horas	369,00
Saída cor ou P&B até 8 horas	624,00
Adicional por foto solicitada	90,00
Foto de arquivo para uso editorial	246,31

#### Reportagem Comercial/Institucional

Saída cor ou P&B até 3 horas	340,00
Saída cor ou P&B até 5 horas	540,00
Saída cor ou P&B até 8 horas	900,00
Adicional por foto	120,00

#### Reportagem Cinematográfica

Equipamento e estrutura funcional fornecida pelo contratante

Saída até 5 horas	266,00
Saída até 8 horas	326,00
Adicional por hora	100%

#### Foto de arquivo para uso em:

Anúncio de jornais (interna)	533,51
Anúncio de Revista (interna)	574,75
Capa de Disco, calendário, revista, jornal	900,00
Outdoor	1132,26
Cartazes, Folhetos e Camisetas	369,53
Audiovisual até 50 unidades	1530,00
Audiovisual acima de 50 unidades	a combinar
Diária em reportagem que inclui viagem	a combinar
Reportagem aérea internacional	a combinar
Hora técnica	71,73

### Observações importantes:

A produção (filme, laboratório, hospedagem, transporte, seguro de vida, credenciamento, etc.) é por conta do contratante; Na republicação, serão cobrados 100% do valor da tabela; A foto editorial não pode ter Utilização comercial. Trabalhos publicados sem crédito, junto à foto, sofrerão multa de 50% sobre seu valor, conforme a lei 9610 de 19/02/98.

## Novos Convênios Novos Convênios Novos Convênios

**Psicologia** – Marivel Azevedo, atendimento psicoterapêutico baseado na Teoria Gestaltista. O atendimento ocorre uma vez por semana em uma sessão de 50 minutos. Jornalistas sindicalizados pagam R\$ 30,00 por sessão. Rua Benjamin Constant, 67, cj. 1001. Mais informações: (41) 225-1544, 223-0811, ou pelo e-mail [marivelazevedo@hotmail.com](mailto:marivelazevedo@hotmail.com).

# Entrevista

## "A Taipa da Injustiça" à venda no Sindijor

Estão à venda a R\$ 10,00, na sede do Sindijor, exemplares da obra "A Taipa da Injustiça", de Juvêncio Mazzarollo. O livro também pode ser encontrado na Comissão Pastoral da Terra (Rua Paula Gomes, 703), ou na Livraria Vozes (Rua Voluntários da Pátria, 41, loja 39).

Conhecido como o último preso político da ditadura militar, o jornalista paranaense Juvêncio Mazzarollo acaba de lançar o livro "A Taipa da Injustiça", em que aborda os problemas decorrentes da construção de Itaipu. Taipa, construção de pedra típica de áreas interioranas, era como os camponeses das margens da barragem de Itaipu chamavam o novo empreendimento, que, desalojando-os de suas terras, foi para eles fonte de tormentos. O livro, concluído em 1985, foi lançado somente agora pela Edições Loyola e pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) para celebrar os 25 anos do Movimento Justiça e Terra, criado pelos desapropriados de Itaipu, que reivindicavam um preço justo na indenização das terras. Atualmente, por uma incrível ironia, Mazzarollo trabalha na assessoria de imprensa da usina binacional. Em Curitiba, ele concedeu esta entrevista ao Extra Pauta:

**Extra Pauta - De que trata o livro?**

**Juvêncio Mazzarollo** - O histórico da Usina de Itaipu, e seus três grandes custos. O custo econômico, com corrupção e esbanjamento, gastou-se entre US\$ 18 bilhões e US\$ 20 bilhões, valor que inclui custo efetivo e serviço da dívida, e que só vai ser quitado em 2023. O segundo é o custo social, com a remoção e indenização das famílias que moravam na área ao lado da barragem e somavam aproximadamente 40 mil pessoas só na margem brasileira, o que foi motivo de inúmeros conflitos no final dos anos 70 e início dos anos 80. E, por fim, o custo ambiental, que consistiu no alagamento de terras das mais férteis do mundo com tudo que nelas havia (fauna e flora) e o sepultamento das Sete Quedas, em Guaíra.

**EP- Qual é a conclusão a que se chega após analisar todos estes danos?**

**Mazzarollo** - Temos aí uma imensa riqueza que representa um extraordinário capital, que gera 25% da energia consumida no Brasil e 95% da paraguaia, mas para isso gastou-se dinheiro e um sacrifício humano extraordinários, sem falar no prejuízo ambiental. Havia necessidade de investir em energia, questiona-se se esta seria a melhor. Diversas alternativas foram pensadas e parece que a executada foi a melhor, tanto

# MAZZAROLLO: desconstruindo a taipa

do ponto de vista do aproveitamento do potencial energético como do custo econômico. Falou-se que deveria se construir três usinas de menor porte ao longo do Rio Paraná, o que seria mais viável, mas seriam três canteiros, três barragens, o que certamente teria um custo mais elevado e talvez se produzisse uma quantidade de energia menor. Quanto a salvar Sete Quedas implicaria a renúncia de mais da metade do potencial energético do rio.

**EP - Sendo você hoje funcionário de Itaipu, a crítica é bem aceita internamente?**

**Mazzarollo** - O atual diretor de Coordenação, Nelton Friedrich, era deputado estadual na época da construção e, como tal, foi um dos batalhadores pelos desapropriados em luta contra Itaipu. Por ironia, hoje sou funcionário, mas dentro de uma nova orientação da direção, que tem à frente Jorge Samek. Tudo que eu relato aconteceu, é fato, no entanto é preciso situar no tempo. Se as cabeças que dirigem Itaipu hoje fossem as que dirigiam a usina na construção, não haveria tanta injustiça como na época.

**EP - Mas na década de 80, o tema do livro, ao ser publicado em jornais, o levou à cadeia.**

**Mazzarollo** - Eu era jornalista em Foz e criei o semanário Nosso Tempo. Houve uma primeira edição do livro - na verdade um livreto -, em 1980, editado via CPT abordando a luta dos desapropriados até aquela dada - na seqüência houve muitos desdobramentos. No Nosso Tempo, além de críticas à Itaipu, bombardeávamos a ditadura militar brasileira e paraguaia, denunciávamos a violência, a tortura nas delegacias de polícia e a corrupção. "Batíamos" ainda nos prefeitos nomeados de Foz do

Iguaçu (que era considerada área de segurança nacional). Com esta linha, eu e os sócios, Aloísio Palmar e João Adelino de Souza, fomos enquadrados, em 1981, na Lei de Segurança Nacional.

**EP - Como foi o julgamento e quais eram as acusações?**

**Mazzarollo** - Eu sofri dois processos, e eles apenas um. Eles foram absolvidos na Justiça Militar, eu não. Diziam que as nossas matérias eram atentatórias à segurança nacional, eram de linha subversiva e incitavam o povo contra o governo, pregavam a "revolução" e atacavam o governo de um país amigo (o Paraguai, no caso). Fui condenado nos dois processos, com um ano de prisão em cada um. Fiquei preso de 27 de setembro de 1982 a 6 de abril de 1984.

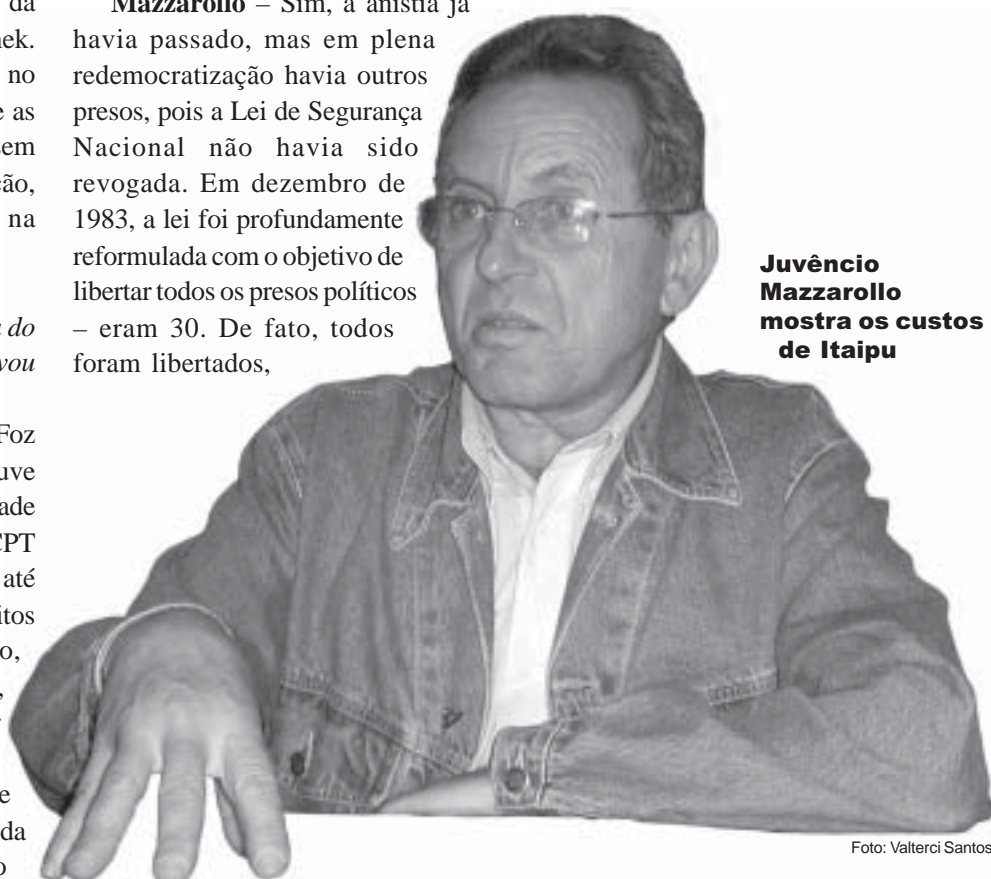
**EP - Mesmo depois da anistia?**

**Mazzarollo** - Sim, a anistia já havia passado, mas em plena redemocratização havia outros presos, pois a Lei de Segurança Nacional não havia sido revogada. Em dezembro de 1983, a lei foi profundamente reformulada com o objetivo de libertar todos os presos políticos - eram 30. De fato, todos foram libertados,

exceto eu. Não sei se foi por ineficácia dos meus advogados ou por obra do próprio regime, que não queria me perdoar, afinal eu escrevia de dentro da cadeia para o jornal. Ocorria, porém, uma grande movimentação nacional e internacional pela minha libertação.

**EP - Como foi o desfecho?**

**Mazzarollo** - Em março de 1984, iniciei uma greve de fome, quando um recurso dos meus advogados foi ao Supremo Tribunal Federal. Fiz um manifesto em que deixava superclaro que só voltaria a me alimentar fora da cadeia. Era plena campanha das Diretas Já e, no Paraná, vinha acompanhada da campanha "Liberdade para Juvêncio". A pressão era forte; o Supremo furo a pauta e analisou o meu recurso. Absolvido, fui posto imediatamente em liberdade.



**Juvêncio Mazzarollo mostra os custos de Itaipu**

# Fotojornalismo

## Ronda da Noite, dia 9

Está confirmado o Ronda da Noite para o dia 9 de outubro (quinta-feira), no Era Só O Que Faltava, com show do Trio Quintina. Vai ser reservada uma área vip no segundo andar, para quem estiver em dia com o sindicato. A entrada é livre para profissionais e estudantes de Jornalismo.

## Um olhar especial

### Emerson Christian



**Jogo de basquete em cadeira de rodas entre Canadá e EUA, em Sydney, 2000**



**Salto dos Macacos, na Serra do Mar**

Foi meio que por acaso que Emerson Christian ingressou na fotografia. Num passeio a Angra dos Reis (RJ) em 1988 o então desenhista se interessou pela nova arte. “Querida observar a estrutura das casas antigas e das igrejas e para isso levei uma máquina fotográfica”, lembra-se Christian. Desde então o empenho só aumentou, até que em 1999 se tornou profissional.

Embora tenha acumulado experiência como free-lancer para o Jornal do Estado, Gazeta do Povo e a revista Los 3 Inimigos, Christian se fixou na profissão atuando como fotógrafo para a Associação de Deficientes Físicos do Paraná (ADFP), cobrindo competições esportivas para portadores de deficiência. Em 1999, fez um trabalho para a Associação Brasileira de Cadeira de Rodas (Abradecar), cobrindo um campeonato internacional de canoagem, no Parque Iguaçu, em Curitiba. Este trabalho lhe valeu um convite para ir a Sydney, em 2000, nas Para-Olimpíadas. Além dos Jogos Para-Olímpicos, ele acompanhou a preparação da equipe brasileira na África do Sul.

Christian esteve ainda na Itália, cobrindo um campeonato de tênis de mesa para deficientes, no Japão, durante uma maratona de cadeiras de rodas, e na Rússia, acompanhando um campeonato de futebol para portadores de paralisia cerebral. Ele disse que, ao tratar com deficientes, o repórter-fotográfico deve agir com normalidade. “No entanto, você acaba se envolvendo com eles e os ajudando sempre que possível”, afirmou.

Ele foi membro fundador e diretor de eventos da Sociedade Latino-americana de Fotografia, criada em 1999, mas que não teve a adesão dos colegas. Estudando atualmente Biologia, Emerson Christian pretende ingressar agora nas fotografias de paisagens naturais, pretendendo então unir o rigor científico com a informação jornalisticamente relevante.



**Emerson Christian**



**Atleta com perna amputada realiza prova de salto em Sydney**